

à revelia

Jenifer Ianof de La Fuente¹

“Acho que não sou daqui.” Os versos de “Meninos e meninas” não lhe saíam da cabeça. A vida lhe doía e ela queria pertencer. Esse talvez fosse o seu mais primitivo desejo e o que mais distante lhe parecia.

Ver tudo mudando, as garotas sendo cada vez mais mulheres — de um jeito que jamais estaria pronta para ser —, as perguntas que esmagavam sua incipiente existência, tudo era muito além do que podia suportar.

Tinha muitos mais medos que uma garotinha de três anos. Tinha saudade de quando sua preocupação era somente esperar pelo retorno do pai para, enfim, comerem aquele misto-quente que só ele sabia fazer. Tinha pavor porque agora seu corpo era uma indomável fonte de desejo, além de despertar olhares indesejados, calafrios rejeitados.

Enquanto todos à sua volta mudavam, ela precisava permanecer igual. Havia um ímpeto de lutar pela conservação de seu estado. Que estado? Não sabia.

Deitava-se em sua cama com o celular nas mãos e a vida lhe ardia. Tornar-se mulher poderia ser uma opção? Ela poderia recusar-se? Não queria a dor, a humilhação, o vexame, o sangue, a opressão, o choque, o golpe, o corte, a aniquilação, o trauma. Não queria todo o lodo que a travessia implicava.

Olhava as maquiagens das colegas tão preocupadas em enfeitar-se, em revelar-se, em fazer-se outras. E ela, ela apenas tencionava anular aquele corpo pungente. A sensação, porém, era de impotência.

O que lhe vinha à cabeça neste momento eram versos de Nando Reis, ótimos na voz de Cássia Eller: “Não tem explicação/Explicação, não tem”. Como podia a música expressar o que ela não conseguia? A arte era maior. A arte não era uma tentativa de dar sentido à vida; ela era o sentido.

Recorreu novamente ao celular e, desta vez, pôs-se a ouvir a nova música que ressoava em sua consciência. Era uma constante. Percebia sua vida mudando de acordo com a alternância das melodias, tentava organizar suas sensações caóticas conforme as letras das canções lhe eclodiam. Agora, no entanto, era diferente. Não sabia se iria funcionar. O que poderia traduzir sua gélida e estridente angústia de tornar-se?

Não seria hoje o dia que descobriria. Mas continuaria em sua frustrada busca pela descoberta da expressão exata. Continuaria também em sua vã tentativa de desperdiçar o transformar que indubitavelmente a aguardava. Sua luta contra o percurso seria inútil. Passaria por todo o percalço enlameado, violento, mordaz e poderoso. E, sim, seria uma mulher.

¹ Mestranda em Literatura Brasileira pela USP, especialista em Educação e Tecnologia pela UFSCar, especialista em Ensino de Língua portuguesa e Língua espanhola e graduada em Letras. Professora de português, espanhol, revisora de texto e tradutora. E-mail: jeni.ianof@gmail.com.

que tipo de pessoa quero ser

São as patinhas — ela disse. Não gostava de como elas tocavam na sua pele, do movimento que causava uma incômoda quase cócega.

Prestes a fazer seis anos, Júlia ficava apavorada toda vez que via uma formiga e gritava pelo irmão, pela mãe, pelo pai ou pela avó — ou por qualquer pessoa que pudesse salvá-la.

A situação era de vida ou morte: a mais minúscula formiga podia causar um tumulto digno de nota. Ela sabia que elas não picavam, que, em geral, não transmitiam doenças, mas o constrangedor era algo de pele, era sobre não suportar o encontro desses dois corpos.

A tarde era cinzenta, ela havia acabado de comer uma rosquinha e estava toda lambuzada, como de costume. Sentada à mesa, notou que uma formiga se dirigia a ela e tomou, enfim, uma decisão. Como não havia ninguém a quem pedir ajuda, enfrentaria seu medo. Sim, ela acabaria com a formiga. Um simples golpe com a mão e aquilo acabaria. Não precisaria mais lidar com a apreensão e a incerteza: ela não sentiria aquele pedaço de vida se movimentando sobre ela. Não daria àquele bicho essa oportunidade.

Em um instante, porém, seu sentimento de poder foi substituído por uma densa e incontrolável angústia: quando suas patinhas, que tanto a incomodavam, parassem de se mexer, isso significaria o fim. Não o fim de seu dilema, mas o fim da formiguinha, que, no fim das contas, era um pobre animalzinho que não fazia mal a ninguém. Seria justo privá-la de toda sua existência, que já não era grande coisa, só por causa de pensamentos tão egocêntricos? Por um medo bobo?

Não, ela não conseguiria matá-la. Não poderia lidar com a ideia de ser uma assassina para o resto da vida. Uma assassina, uma assassina de asquerosas patinhas agitadas. Não, não poderia aceitar. Começou, então, a chorar e teve dó da formiga, por ser um animal tão indefeso, tão repulsivo e tão infeliz. Ela não saberia que seria assim, não tinha a menor consciência. Não saberia de sua morte iminente. Neste momento, a pequena garota se sentiu mais próxima do inseto: tampouco ela teria percepção de seu momento último.

Agora, Júlia se considerava a pior pessoa do mundo. Como pôde ter colocado seus diminutos problemas em relação às patinhas inquietas e repugnantes à frente dos sentimentos e da anulação existencial da formiga? Era uma egoísta, isso sim.

Ficou muito tempo distraída, em meio aos seus pensamentos de autopunição, quando percebeu que a formiga avançara e já não havia opção: era matá-la ou ela subiria em seu bracinho salpicado de açúcar.

Agora, ela sabia que não tinha escolha. Se ela não assumisse seu egoísmo, sentiria as patinhas de novo! Ah, que aversão! O que valia mais: seu insustentável incômodo ou uma existência inteira?

As lágrimas molhavam seu pequeno e frágil rostinho. Não aguentava o peso desta decisão. Era muito para uma garotinha. Por que não havia ninguém para salvá-la? Sozinha, a vida é muito difícil. Então, ela fechou os olhos, respirou fundo e decidiu o tipo de pessoa que queria ser.